



As representações da felicidade a partir do núcleo familiar Burnham no filme *Beleza Americana*¹

Tamara de Sousa SENA²

Marcília Luzia Gomes da Costa MENDES³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

Resumo

O trabalho tem por objetivo verificar como é representado o modelo de felicidade no filme *Beleza Americana* e as relações do sujeito com sua família e a sociedade. Nos dias de hoje, os bens subjetivos foram transformados em produtos, os indivíduos são levados a gerenciar suas vidas em busca da *alta performance* e são transformados em um capital humano. Acumulam conhecimentos e habilidades, para ficarem em posição de vantagem em relação à concorrência, acabam medindo os méritos ou valores das ações, com parâmetros da racionalidade econômica. Portanto no trabalho serão abordados os conceitos de felicidade, trabalhado por McMahon (2006) e Freire Filho (2011) e os estudos de Bernardet (1985) sobre cinema.

Palavras-chave: Beleza Americana; cinema; felicidade.

Introdução

Beleza Americana estreou em 1999, dirigido por Sam Mendes e escrito por Alan Ball, ganhou cinco Oscars e fez sucesso entre os críticos e o público, o que poderia levar ao julgamento que seria mais um *blockbuster* produzido por Hollywood. Mas elementos do filme o aproximam do cinema independente, como a estética (direção de fotografia e edição) e o seu roteiro de crítica contundente ao *american way of life* (ou 'estilo de vida americano').

O enredo gira em torno de Lester Burnham (Kevin Spacey) e sua insatisfação com o emprego, o seu casamento com Carolyn (Annette Bening) e os conflitos com a filha Jane (Tora Birch). Lester Burnham é um homem infeliz com sua vida, até conhecer a jovem Angela Hayes (Mena Suvari), quando resolve mudar completamente. Pede

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação. 8º semestre do Curso de Jornalismo da FAFIC-UERN, email: tamara_sena@yahoo.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FAFIC-UERN, email: marciliamendes@uol.com.br.



demissão do emprego e resolve reconstruir a vida, indo totalmente ao encontro do modelo de vida de seus vizinhos. Lester Burham quebra paradigmas e enfrenta graves consequências por suas escolhas.

Beleza Americana faz um ótimo trabalho ao conseguir demonstrar a angústia dos personagens, para se encaixarem no modelo normativo, e assim serem aceitos, caracterizando que estão próximos da felicidade. Além de transparecer, toda a infelicidade, o individualismo e a vida de aparências que é levada pelos personagens. Mas acaba fazendo um contraponto com o protagonista, que resolve quebrar todos os paradigmas, e busca viver a partir de suas próprias regras.

É justamente por sua forte crítica e representação da realidade, que *Beleza Americana* foi escolhido para este estudo. Como afirma Vanoye e Goliot-Lété (2009), podemos utilizar um filme para analisar uma sociedade, na medida em que ele vai representando direta ou indiretamente a realidade, já que se espera que um filme fale algo do presente, diga alguma coisa do contexto em que foi produzido.

Bernardet (1985) defende que o cinema levou tempo para encontrar sua localização na sociedade, e mais importante que discutir sobre reproduzir ou não a realidade, seria analisar o que dizem os filmes e qual é seu conteúdo.

Para poder construir uma base teórica, e assim identificar e analisar os elementos representativos da felicidade no filme será necessário um aprofundamento em alguns conceitos, um deles é o de felicidade. A busca por ela é algo antiga, e para fazer um estudo sobre a história da felicidade, desde a Grécia Antiga até a atualidade.

Breve Histórico sobre a felicidade

Atualmente o tema felicidade está cada vez mais em destaque, podemos encontrar nas mensagens publicitárias, em livros de autoajuda e pesquisas acadêmicas, por ser um tema tão frequente pode parecer banal, mas ao aprofundar na sua história percebemos o quanto é importante esse debate. Hoje a felicidade foi transformada em um direito natural, o indivíduo sente o direito de ser feliz o que acabou se tornando uma obrigação, as pessoas antes poderiam aceitar não serem felizes, mas hoje acreditam em uma vontade divina ou na responsabilidade da sociedade em fornecer meios para alcançar a felicidade, e se não conseguir esse objetivo é tido como um fracasso.

Para entender os esforços atuais da sociedade para alcançar a felicidade, é importante analisar seu passado, que nem sempre foi feito de capítulos felizes, também possui seus momentos obscuros. Outro ponto importante ao olharmos para o passado é observar a maneira como homens e mulheres irão compreender a felicidade, já que essa



percepção muda significativamente se compararmos diferentes culturas e períodos de tempo.

Nascida no mundo antigo da Grécia clássica e profundamente moldada pela tradição judaico-cristã para emergir como uma nova e radical força durante o Iluminismo, a felicidade e a busca por ela vêm desde então exercendo fascínio, influenciando de modo fundamental nossas expectativas e nossas experiências modernas. Está claro que é impossível compreender de forma adequada qualquer esforço contemporâneo para atingir a felicidade sem levar esse passado em conta [...] (MCMAHON, 2006, p. 14).

Justamente na Grécia Antiga que surgiram os primeiros registros sistemáticos sobre a felicidade, conhecida na época como *eudaimonia*. Em um pequeno espaço de tempo filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles e Epicure apresentaram ideias diferentes para o significado de *eudaimonia*. De tamanha importância são as contribuições desses pensadores, que até hoje estudamos esses filósofos e seus fundamentos, e muitas vezes usando como base para entendermos algumas situações atuais. Logo depois da Grécia Antiga, os estudos de felicidade continuam em Roma, com o fundamentalismo filosófico da religião cristã, teve como maiores propagadores Santo Agostinho e Tomás de Aquino, depois chegamos ao iluminismo que enxerga a felicidade menos como um ideal divino e mais como algo a ser buscado e conquistado agora.

Definir felicidade é um problema reconhecido por muitos autores, consequência da pluralidade de seus significados e da dependência do momento histórico e social em que está inserida para ser definida para determinado grupo. Como na Grécia Antiga na qual a palavra que mais se aproximava do sentido de felicidade era *eudaimonia*, que na sua etimologia significa *eu* (bem disposto) + *daimon* (aquele que possui um poder divino), mostra que a ideia felicidade para os gregos estava ligado a um bem divino como afirma Oliveira (2015).

Enquanto na maior parte das línguas indo-européias, a palavra moderna para felicidade tem a mesma origem de sorte, fortuna ou destino segundo McMahon (2006). Cita exemplos como a raiz de “*happiness*”, que em inglês *happ* significa acaso e fortuna, já no francês *bonheur* deriva de *bon* (bom) e o francês antigo *heur* (fortuna ou sorte). Em Italiano, em espanhol e em português *felicità*, *felicidad* e *felicidade* que tem seu significado do latim *felix* (sorte, e algumas vezes destino). Com alguns exemplos foi



demonstrado como na família das línguas indo-europeias, a felicidade tem sua origem no terreno do acaso e da sorte.

Na Grécia Antiga no século IV antes de Cristo, Sócrates acreditava que a felicidade é uma aspiração natural do homem, defendia que através de ações racionais os seres humanos, poderiam exercer o controle sobre suas vidas e assim eles seriam responsáveis por sua própria felicidade. No período que escritores e poetas épicos aceitavam que a felicidade humana está além de nossas ações, sendo questões de sorte, destino ou controlado por deuses, Sócrates defendeu que a felicidade está ao alcance do homem e que ela depende mais de nossas ações do que uma questão de sorte, afirma McMahon (2006). Enquanto outros filósofos se dedicavam a questões de lógica e questões de ciência natural, Sócrates insistia na importância da ética humana e tentando entender como poderíamos viver melhor.

A filosofia é apontada como um dos meios que conduziria a condição de felicidade, levando em consideração a base de escritos de Sócrates, Platão e Aristóteles que acreditavam na responsabilidade do homem para alcançar a felicidade. Esses filósofos também tiveram mais uma contribuição significativa que foi a identificação da felicidade como o melhor estado de saúde humana, assim ficou para seus sucessores a responsabilidade de continuar a estudar essa busca pela felicidade.

Para o cristianismo, não tem como encontrar a verdadeira felicidade na terra, na perspectiva de Vázquez (2008) a ética cristã prega que só pode ser obtida a felicidade no céu, como uma recompensa da infelicidade terrena. Assim a realização ilusória substitui a real. A religião cristã tem a felicidade como centro do desenvolvimento da fé e de sua aceitação, recomenda a aceitação do sofrimento para alcançar a recompensa futura: “aqueles que tolerassem a dor hoje receberiam o prazer posteriormente” (MCMAHON, 2006, p. 99), o cristianismo propôs que a felicidade não era apenas a resistência a dor, mas era consequência direta da dor. A cruz um instrumento de tortura, acaba se transformando em um símbolo de conversão, um lugar de sofrimento transformado em algo espiritual. Defendem que existem bons motivos para o sofrimento e a morte de Cristo, sua capacidade de sofrer é medida proporcionalmente a sua força de gerar experiências de felicidade como afirma McMahon (2006).

O cristianismo prometia a felicidade no final da vida, mas negava o prazer na terra. A nossa aspiração para ser feliz, era visto como um indicador de punição dos



nossos pecados, mas também podendo ser visto como o caminho para a salvação, já que a dor é o caminho para a salvação para a religião cristã. Tomás Aquino conseguiu aproximar a felicidade perfeita (de Deus) e imperfeita (da terra) o que só aumentou com o passar do tempo. “Com o cristianismo, todas as tentativas de aproximação da felicidade em vida terrena são vistas como um sinal de nossas fraquezas e imperfeições. Emerge assim o sentido da impossibilidade de ser feliz nesta vida.” (OLIVEIRA, 2015, p. 29), ao acreditar na recompensa divina e aceitação do sofrimento como caminho para a salvação, o cristianismo fez da felicidade terrena algo incompleto e errado, e que só na outra vida a gente se sentirá verdadeiramente felizes.

Ao contrário as ideias do cristianismo, temos o pensamento ético moderno, dos filósofos iluministas e materialistas franceses do século XVIII, que defendem o direito do homem de ser feliz nesse mundo, mas acreditavam que a felicidade está num plano abstrato, ideal, fora das condições da vida social. Enquanto os pensadores colocam a felicidade no plano terreno, eles concebem o homem de modo abstrato. Com isso os iluministas não consideravam o que Aristóteles afirmava sobre o estado de realização, que o sujeito sofre influência das condições concretas do meio em que vive.

Se houve uma preocupação principal, que deu origem a muitas perguntas para os iluministas, foi como ter uma vida melhor, segundo McMahon (2006) as respostas apontavam para os homens e mulheres do século XVIII, que podiam ser encontradas através dos esforços e conhecimento humano sua felicidade e salvação. Sofrendo influência do iluminismo e da reforma protestante diversas mudanças foram acontecendo na sociedade.

Toda essa mudança na natureza das expectativas humanas não aconteceu de repente, primeiro a promessa de felicidade iluminista foi feita a um pequeno grupo de intelectuais e elite social e só depois começou a disseminar para outros grupos. McMahon (2006) afirma que no final do século XVIII, com as revoluções norte-americana e francesa, a felicidade pôde buscar seu reconhecimento generalizado como ideal motivador. Um dos símbolos mais marcantes da mudança ideológica foi, a Declaração de Independência dos Estados Unidos na qual Thomas Jefferson escreve que todos os indivíduos tem o direito de buscar a felicidade. Já os franceses criaram a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, no ano de 1789, no qual é garantido,



no final do documento, a “felicidade de todos”. Com esses exemplos fica explícito que a luta para ser feliz começou bem cedo na nossa história e continua até hoje.

A felicidade é tão valorizada que é comparada a própria vida e a liberdade, com o espaço de discussão cada vez maior, a felicidade ao menos aparadas pelas leis passa a ser democratizada. Muitos estrangeiros, no século XIX e XX chegavam aos Estados Unidos, em busca das promessas do país de felicidade, logo perceberam a diferença do direito e a realização realmente da felicidade. Ao passar do tempo a busca pela felicidade continua, de uma forma que cada vez mais as pessoas se cobram para alcançá-la, tornou-se possível imaginar o caminho para a felicidade, a partir que nosso mundo se tornou mesmo suscetível a sorte e as mãos de Deus para conseguir ser feliz.

Freud voltou seus estudos para entender o propósito e a intenção da vida dos seres humanos, eles lutam pela felicidade e querem que esse sentimento perdure e não que seja apenas um momento passageiro. Segundo McMahon (2006) com a necessidade humana de se defender do sofrimento, o indivíduo busca o auto-engano, algumas escolas de psicologia contemporânea prometia para seus pacientes, a “felicidade autêntica”, uma afirmação que acabava indo de encontro aos ensinamentos de Freud, já que ele nunca prometeu curar o destino da condição humana.

Além das inseguranças dos caminhos que temos para chegar a felicidade, ainda temos que enfrentar outros desafios como, a civilização que impõe sacrifícios ao homem, que deve seguir diversas regras e corresponder às expectativas da sociedade, com tantas pressões e controle é visível o porquê da dificuldade de conseguir ser feliz atualmente. Freud (2011) destaca que o homem civilizado acaba fazendo a escolha de trocar diversas possibilidades de ser feliz por uma parcela de segurança, controlando muito dos seus instintos para poder se enquadrar na segurança da sociedade em que faz parte.

A felicidade é reduzida às tendências egoístas da sociedade, na qual o dinheiro e a propriedade privada são apresentados como elementos onipotentes (ideologia do “ter”), mas a humanidade tem a possibilidade de buscar outro tipo de felicidade (ideologia do “ser”). É justamente dessa maneira que *Beleza Americana* representa a sociedade, na qual os indivíduos, ao seguir o modelo vigente na busca por parecer bem-sucedidos, acabam por esquecer o que realmente poderia fazê-los felizes.



Mesmo com todos os estudos e teorias levantadas é difícil esclarecer o que seria mesmo a felicidade, como defende o filósofo, Immanuel Kant, “o conceito de felicidade é tão indeterminado que, embora todo mundo queira alcançar a felicidade, nunca se consegue dizer de forma definitiva e coerente o que é que realmente deseja e quer” (KANT, 2002, p. 27). Por ser algo tão subjetivo, é difícil encontrar uma definição definitiva, porque o que faz uma pessoa feliz pode não ter o mesmo efeito em outra pessoa, Kant defendia que quanto mais se dedicava a razão de desfrutar a vida mais o homem se afastava da verdadeira felicidade.

Indústria cultural e Cultura de massa

Estudar a história da felicidade e seu significado para a sociedade atual implica também em discutir o fenômeno conhecido como Indústria Cultural, esse termo foi utilizado primeira vez por Adorno e Horkheimer no capítulo *O iluminismo como mitificação das massas* no ensaio *Dialética do esclarecimento*, em 1947, eles observaram que a cultura estava sendo transformada em mercadoria pelo sistema industrial capitalista, com isso as culturas eruditas foram perdendo seu valor de autenticidade.

Adorno e Horkheimer chamam atenção para a dominância do capitalista na produção cultural, o que traria consequências no sistema de consumo da arte erudita, as pessoas teriam dificuldade para ter acesso ao produto original, adquirindo de forma mais fácil à cópia, com a reprodutibilidade técnica o maior atingido na obra de arte é sua *aura*, que pode ser definida como a única aparição de uma realidade distante. Com as técnicas de reprodução aplicadas às obras de artes acaba modificando a relação da massa com a arte, além de perder a *aura*, ao depreciar o caráter daquilo que só é dado uma vez, afirma Walter Benjamin (2000).

Em meados do século XX, o poder industrial teve um maior crescimento, a colonização da África e dominação na Ásia estavam em seu auge, de acordo com Morin (2009) a segunda industrialização é a do espírito, a segunda colonização passa a ser sobre a alma, a cultura e a vida privada agora fazem parte da indústria. Essas mercadorias são mais humanas, prometendo vender o amor e a felicidade, ou seja, a subjetividade acaba também virando um produto.

[...] Não há dúvida de que já o livro, o jornal eram mercadorias, mas a cultura e a vida privada nunca haviam entrado a tal ponto no circuito comercial e industrial, nunca os murmúrios do mundo – antigamente

suspiros de fantasmas, cochichos de fadas, anões e duendes, palavras de gênios e de deuses, hoje em dia músicas, palavras, filmes levados através de ondas – não haviam sido ao mesmo tempo fabricados industrialmente e vendidos comercialmente. Essas novas mercadorias são as mais humanas de todas, pois vendem a varejo os ectoplasmas de humanidade, os amores e os medos romanceados, os fatos variados do coração e da alma (MORIN, 2009, p.13-14).

O surgimento da Terceira Cultura, oriunda do cinema, do rádio, da imprensa e da televisão se projeta ao lado das culturas clássicas, como a religiosas ou humanas, e a nacional. E só a partir do reconhecimento da Terceira Cultura pela sociologia americana, que a denomina: *mass culture*. Morin (2009) afirma que a cultura de massa, seguindo as normas da fabricação industrial, propagadas pelas técnicas de divulgação maciça, tem destino a uma massa social, ou seja, chegará a um número maior de indivíduos independente das estruturas internas da sociedade.

A cultura de massa sofreu críticas e resistência dos intelectuais, porque a consideravam como uma mercadoria cultural ordinária, feia ou como era conhecida nos Estados Unidos: *kitsch*, existia uma divisão explícita entre alta cultura e cultura de massa. Também foi analisada pelos marxistas, os responsáveis por uma crítica de esquerda, que em sua visão essa forma de cultura de massa era mais um modo do capitalismo de desviar as massas dos problemas importantes, seria o novo ópio do povo.

Já na perspectiva de Morin (2009) as fronteiras culturais são abolidas pelo mercado comum da *mass culture*, sendo criadas camadas de identificação com a nova cultura em seu interior, o autor cita o exemplo com o cinema de arte e o de circuito popular que cada um deles possuiu seu público específico, mas lembra dessa separação não é a mesma que acontece com as classes sociais. E vai além ao defender que “a cultura industrial é o único grande terreno de comunicação entre as classes sociais: o operário e o patrão cantarolarão Piaf ou Dalida [...] terão (quase no mesmo instante) visto o mesmo filme” (MORIN, 2009, p.41). Mas o autor reconhece que a produção cultural constrói seu público de massa, essa cultura é determinada pelo comércio, ela se adapta aos tabus da sociedade para poder se adequar a lei do mercado.

[...] A *cultura de massa*, no universo capitalista, não é imposta pelas instituições sociais, ela depende da indústria e do comércio, ela é proposta. Ela se sujeita a tabus (da religião, do Estado, etc.), mas não os cria; ela propõe modelos, mas não ordena nada. Passa sempre pela mediação do produto vendável e por isso mesmo toma emprestadas certas características do produto vendável, como a de se dobrar à lei do mercado, da oferta e da procura. Sua lei fundamental é a do mercado (MORIN, 2009, p.46).



Adorno (2002) possui um posicionamento mais pessimista, ao afirmar que toda cultura de massa é idêntica, o cinema não tem mais necessidade de transparecer que é de arte, agora além de serem negócios são instrumentos de ideologia, que deverá legitimar o “lixo” que a indústria produz de propósito. O cinema se definiu como indústria, o seu rendimento toma o espaço de discussão sobre a necessidade social desse produto.

Cinema e a modernidade líquida

Aderindo ao seu papel enquanto um mecanismo que pode trazer e elucidar questionamentos, o cinema, enquanto arte, pode exercer o papel de criticar e contestar modelos da sociedade. A partir das possibilidades trazidas pela arte cinematográfica, entendemos que o filme *Beleza Americana* engendra, em seu contexto narrativo, discussões latentes e agudas no que tange o denominado *american way of life* (ou 'estilo de vida americano') na capacidade de trabalhar uma representação ácida da vida cotidiana, que o filme *Beleza Americana* chamou atenção, com seus temas polêmicos. Há fatores inerentes ao contexto da obra que, certamente, mereceriam discussões mais profundas e gerariam questionamentos aos que se propuseram e deixaram a obra traçar paralelos entre o público que a prestigiou e os personagens apresentados.

O cinema coloca na tela pedaços da própria realidade. Essa é a interpretação que a sétima arte tenta “impor”, segundo Bernardet (1985, p.7), que mesmo com as mudanças que aconteceram, ainda é forte essa maneira de entender o cinema. Não importa a discussão sobre reproduzir ou não a realidade, o mais relevante seria o que dizem os filmes e qual o seu conteúdo.

Beleza Americana estreou em 1999, ganhou cinco Oscars e fez sucesso entre os críticos e o público, o que poderia levar ao julgamento que seria mais um *blockbuster* produzido por Hollywood. Mas elementos do filme o aproximam do cinema independente, como a estética (direção de fotografia e edição) e o seu roteiro de crítica contundente ao *american way of life*. É justamente por sua forte crítica e representação da realidade, que *Beleza Americana* foi escolhido para este estudo. Como afirma Vanoye e Goliot-Lété (2009), podemos utilizar um filme para analisar uma sociedade, na medida em que ele vai representando direta ou indiretamente a realidade, já que se espera que um filme fale algo do presente, diga alguma coisa do contexto em que foi produzido.



Quando encontramos uma rosa sem espinhos nem cheiro, seu diferencial é sua beleza. *American Beauty (Beleza Americana)* é uma rosa com essas características, bastante cultivada nos Estados Unidos. Seu nome foi escolhido para ser o título do filme do diretor Sam Mendes, associando-a a uma sociedade que vive de aparências, que prefere esconder seus problemas. As rosas vermelhas aparecem frequentemente nas cenas, para reforçar o discurso de como os indivíduos vivem de aparências; enquanto a narrativa vai desconstruindo a vida que os personagens fingem viver, e na sequência vai construindo para o espectador como esses indivíduos são realmente.

É justamente por causa do seu conteúdo crítico que o filme *Beleza Americana* foi escolhido para esse estudo. Ao conseguir demonstrar a angústia dos personagens para se encaixarem no modelo normativo, e assim serem aceitos, o filme aponta que, caso estes consigam se encaixarem no modelo exigido, eles estarão mais próximos dos conceitos de felicidade propagados pelo filme.

Conceito de capital humano e Consumo

A inquietação de pesquisar como os indivíduos lidam com a felicidade surgiu, ao observar que o ser humano, está cada vez mais estimulado a buscar seu máximo, gerenciando sua vida de uma forma que consiga alcançar a *alta performance*, para se enquadrar nos modelos de felicidade comercializados pela indústria cultural. Como afirma Freire Filho (2011), a realização não se trata apenas de uma necessidade econômica, mas de uma doutrina em busca da autorrealização, do desejo de ser mais, do desafio e da superação, fazendo assim parte do imaginário contemporâneo, e do reconhecimento do mito da onipotência. Atualmente os bens subjetivos foram transformados em produtos, como se ao seguir certas regras e padrões resultaria em um objetivo já determinado, é como se o indivíduo tivesse trabalhando em uma empresa e não lidando com a subjetividade. Segundo Ferrer (2010, p. 171-172),

Distrair-se, viajar, consumir, participar de eventos de massa. Esse tem sido o campo de treinos da personalidade. É a *taylorização* da subjetividade: correntes humanas, reação em série, colossal arco voltaico de carne humana. Tudo isso estabelece “contato” e para compreender sua dinâmica é necessário prestar atenção à inquietude emocional das multidões e também às suas manifestações psíquicas e eróticas. [...] nos salões de dança observar-se não tanto a manifestação estética de um laço social enraizado, mas a obsessão moderna pelo movimento, que é paralela às exigências organizativas de fábricas e de escritórios, onde também se encontram e ajustam as “peças



proveitáveis” do corpo de acordo com um compasso rítmico, na melhor síntese possível de cronometragem, sincronização e eficácia.

Além de seguir modelos, as pessoas estão cada vez mais individualistas. Bauman (2007) chega a afirmar, que quanto mais exposto o indivíduo está às regras do mercado da mão de obra e de mercadorias, mais acontecerá à divisão, é incentivada a competitividade, sendo o trabalho coletivo apenas temporário, representando uma forma de se beneficiar. Transformando a individualidade numa qualidade, apenas uma consequência para se vencer.

Para Freire Filho (2010, p. 17), “na era da felicidade compulsiva e compulsória, convém aparentar-se bem-adaptado (sic) ao ambiente, irradiando confiança e entusiasmo, alardeando uma personalidade desembaraçada, extrovertida e dinâmica”. Assim, passará a imagem de uma pessoa bem sucedida e feliz, aparentando algo que não existe de fato, como à sociedade representada em *Beleza Americana*. Exemplificando essa situação, temos a personagem Carolyn Burnham, que melhor simboliza esse indivíduo que busca aparentar ser bem sucedido, ao demonstrar uma vida toda pautada nos modelos impostos da sociedade, para ser aceita pelos vizinhos. Mesmo que essa imagem não passe de um disfarce, e que na realidade, como no caso do filme, Carolyn tenha sérios problemas com o seu marido *Lester* e não possua nenhuma ligação sentimental com a filha Jane. Carolyn tem como maior preocupação a aparência, e não basta apenas parecer ser uma família feliz, também precisa ter bens materiais que cause inveja nos vizinhos, como uma bela casa e um jardim perfeito, para além de ser aceito, consiga ser superior ao seu próximo.

Considerações finais

O cinema pode exercer o papel de criticar e contestar modelos da sociedade. E foi justamente na capacidade de trabalhar uma representação ácida da vida cotidiana, que o filme *Beleza Americana* chamou a atenção, com seus temas tidos como polêmicos. A obra consegue levar algumas pessoas a uma autoavaliação.

Este artigo propôs analisar como é representada a felicidade em *Beleza Americana*, e foi possível perceber o quanto o filme é crítico e consegue incomodar alguns espectadores, ao mostrar o quanto a sociedade pode ser artificial e infeliz, mesmo aparentando ter uma vida tida como perfeita.

Segundo Vázquez (2008) a felicidade que é reduzida as tendências egoístas da sociedade, onde o dinheiro e a propriedade privada tem uma onipotência, os homens



terão que buscar outro tipo de felicidade. Justamente assim que *Beleza Americana* representa a sociedade, que ao buscar seguir o modelo vigente, para aparentar ser bem-sucedido, esquece daquilo que o faz feliz realmente.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa. (Org.). **Teoria da cultura de massa**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FREIRE FILHO, João. In: _____. **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- FREIRE FILHO, João. Sonhos de grandeza: o gerenciamento da vida em busca da alta performance. In: COELHO, Maria das Graças Pinto; FREIRE FILHO, João. (Org.). **A promoção do capital humano**. Porto Alegre: Sulista, 2011.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Pinguim Classics Companhia das Letras, 2011.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2002.
- MCMAHON, Darrin M. **Felicidade: uma história**. São Paulo: Globo, 2006.
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo**. Volume 1: Neurose. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2009.
- OLIVEIRA, Geilson Fernandes de. **A felicidade nas páginas da literatura de autoajuda: uma análise discursiva das obras *Treinando a emoção para ser feliz* e *12 semanas para mudar uma vida***. Dissertação. Programação de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) da UERN, 127p. 2015.
- SEWAYBRICKER, Luciano Espósito. **A felicidade na sociedade contemporânea: contraste entre diferentes perspectivas filosóficas e a modernidade líquida**. Dissertação. Programação de Pós-Graduação em Psicologia da USP, 158p. 2012.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2009.